

## REFLEXÕES ACERCA DO ASSÉDIO MORAL E SEXUAL EM UMA UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL DO BRASIL

DULCINEIA ESTEVES SANTOS<sup>1</sup>; ALLEF ALGEMIRO  
GAWLINSKI DE ÁVILA<sup>2</sup>; LORENA ALMEIDA GILL<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [dulcineia.santos@ufv.br](mailto:dulcineia.santos@ufv.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [allefgawlinski@gmail.com](mailto:allefgawlinski@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [lorenaalmeidagill@gmail.com](mailto:lorenaalmeidagill@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A violência, em suas diversas formas, se faz presente no cotidiano humano, desde que iniciamos a nos organizarmos em grupos diversos. Para Martins (2020), assédio moral está ligado à humilhação, práticas de condutas desgastantes e constrangimentos dirigidos a uma pessoa. Já o assédio sexual envolve constrangimentos à vítima, com o objetivo de obter vantagens ou favorecimento sexual por parte de quem assedia.

As instituições de ensino superior, em todas as suas interfaces (ambiente de trabalho, estágios ou escolar), não são locais imunes a esse tipo de violência, conhecida como assédio. Segundo a afirmação do professor José Roberto Heloani, da Faculdade de Educação de UNICAMP:

Há 16 anos, quando trouxe para o Brasil os primeiros estudos e iniciei pesquisas sobre assédio moral, jamais imaginava que a situação chegaria no ponto em que está hoje na academia. O ambiente em que o assédio moral mais cresce hoje é na academia (Boletim Especial ADUNICAMP, 2014, P.04).

Segundo GALLINDO (2009), o assédio moral é vertical descendente quando o ato partir de um superior hierárquico contra os seus subordinados; vertical ascendente quando o assédio se dá a partir de um subordinado contra o seu superior hierárquico e horizontal quando o ato é praticado entre colegas do mesmo nível hierárquico.

Já o assédio sexual é definido pela lei nº 10.224, de 15 de maio de 2001, artigo 216 a, com a seguinte redação:

Constranger alguém, com intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função: pena - detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009, p.10).

A fase inicial da pesquisa tem o objetivo de observar se existe o sentimento de assédio moral e sexual por parte dos acadêmicos, egressos, professores, técnicos administrativos, trabalhadores públicos e terceirizados da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Advindo deste objetivo, busca-se também construir um banco de dados, com as informações coletadas no questionário. As informações serão divulgadas com o objetivo de contribuir para o estabelecimento de políticas públicas internas, visando pensar a realidade encontrada dentro da academia e em seus demais espaços.

## 2. METODOLOGIA

O estudo encontra-se em andamento e propõe, aos participantes, perguntas fechadas e abertas, através de um formulário desenvolvido no *Google forms*, plataforma pertencente a um grupo de aplicativos disponíveis no Google drive. O questionário foi divulgado nas redes sociais do Programa de Educação Tutorial – Diversidade e Tolerância (PET - DT). Para este evento será feito um recorte da primeira fase da pesquisa, a partir da participação de 357 estudantes de graduação. Os dados foram tabulados através do Excel e, além deles, também serão explanadas pequenas narrativas exploradas de forma anônima. Assim, no resumo, serão apresentadas e discutidas informações apenas sobre os estudantes de graduação na UFPel, ainda que o formulário pudesse ser respondido por docentes, discentes de pós-graduação técnicos-administrativos, terceirizados e trabalhadores públicos, para os quais no total se conta, atualmente, com 560 respostas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se avaliar as 357 respostas obtidas dos discentes de graduação, foi possível observar que no quesito gênero há um número expressivo de mulheres respondentes 71,7%, que representam 256 respostas. Pode-se refletir ao fato de que a violência faça parte principalmente da vida das mulheres. Ao responderem se haviam presenciado ou sofrido assédio moral, uma das respostas construiu a seguinte narrativa, que se caracteriza como assédio sexual: “Fui constrangida várias vezes pelo coordenador do meu curso e minha nota, que era baixa, foi colocada no grupo da turma para que os outros alunos pudessem ver, e devido à essa exposição, acabei desistindo do curso” (respondente 1). Cabe a observação de que, possivelmente, por este motivo muitas mulheres tiveram interesse em responder a pesquisa.

Em outras narrativas que seguem é possível notar que as mulheres vivenciam o assédio em seus cotidianos como, por exemplo: “Um professor dizendo que a aluna devia sair do curso, pois estava no lugar errado, que não tinha capacidade para passar na cadeira dele” (respondente 2) ou “Colegas de turma chamando de idiota. Professor falando que por eu ser menina, cálculo é mais difícil mesmo” (respondente 3).

Esses trechos vão ao encontro da fala de Linhares (2018), que afirma que o comportamento de professores acaba por ser modelo para muitos alunos. Diante disso e, dentre outras experiências semelhantes, compreende-se o quão desafiador é para todas as mulheres no meio acadêmico, conviver com machistas e assediadores, que são comuns, não só na universidade quanto na sociedade.

No que diz respeito ao número de homens respondentes 26%, estes representam 93 respostas. Este baixo número aponta para a situação que eles mais praticam do que sofrem assédio, embora existam alguns casos, como o seguinte: “A professora, na prática, vivia fazendo comentários de duplo sentido ou até mesmo mais diretos, como ‘ah mas tu pelado deve ser um colírio pros olhos de qualquer um’” (respondente 4).

Além de falas ofensivas, existem memórias relacionadas a aspectos psicológicos, oferecendo riscos de possíveis traumas, como pode ser notado na narrativa a seguir: “Me senti ofendida, quando uma professora me questionou o

que eu estava ainda fazendo no curso, cursando o último semestre, quando me posicionei que iria fazer outra graduação” (respondente 5). Nesta fala pode-se observar que a ação de assédio à discente vai contra um dos princípios da Carta Magna Brasileira, que preza pela liberdade, logo a estudante é livre para mudar de curso quando quiser e lhe for conveniente. E ainda, analisa-se aqui também assédio moral vertical descendente, ocorrido quando um superior usa de sua autoridade. Em função destes desafios encontrados, há estudantes que relacionam sua trajetória na universidade à humilhação e aos constrangimentos.

Consta ainda um pequeno número de respondentes que preferiu não se identificar no que diz respeito à identidade de gênero, cujos números somam 2,3%, o que representa oito respondentes. Destas, destaca-se a seguinte narrativa: “Vivenciei, em diversos momentos, constrangimento, desclassificação do meu trabalho por ser vinculada a movimentos sociais, lésbica e, principalmente, no período em que minha titulação era de especialista” (respondente 6). Tal narrativa mostra, de forma explícita, o quão agressivo é o ambiente acadêmico, deixando claro, em diversas faces, não só as questões de assédio, mas como outros preconceitos, como a homofobia, por exemplo. Segundo Oliveira (2004, p. 62), vítimas de assédio se sentem frequentemente inseguras, com baixa-autoestima e com sentimento de impotência frente ao agressor.

Outro aspecto avaliado neste trabalho é que os cursos de graduação que tem o maior número de respondentes são em primeiro lugar História (Licenciatura e Bacharelado) com 9,8%; em segundo lugar Enfermagem com 6,1% e Pedagogia com 4,2% dos respondentes, ocupando a terceira posição. Estes dados, provavelmente, são devido ao fato de que existem bolsistas no PET-DT oriundos destes cursos e estes divulgaram mais o formulário dentre os colegas.

No que diz respeito à identificação étnico racial pode-se observar que a maioria dos respondentes do formulário se declarou como brancos, embora hoje se saiba que o número de negros e pardos tem crescido na universidade, tendo em vista a política de cotas.

#### 4. CONCLUSÕES

Através da análise de algumas respostas pôde-se observar que o assédio moral e sexual é uma questão presente no cotidiano de muitos universitários. Esse cenário aponta uma preocupação dada às complicações psíquicas daí decorrentes; queda de rendimentos para as vítimas, além de prejuízos irreversíveis, como o fato da desistência da graduação e de sonhos relacionados ao futuro.

Diante disso, nota-se a necessidade de sejam realizadas mais pesquisas desta natureza, para que a temática possa ser discutida, visibilizada e haja uma exposição do problema mais amplamente, uma vez que o assédio é um fator de risco de notificação compulsória no Sistema Único de Saúde (SUS), ou seja, se percebe que o assédio pode levar a situações extremas, sendo uma das diversas causas de quadros depressivos, transtornos de ansiedade, dentre outros fatores prejudiciais à saúde física e mental do assediado.

Tendo em vista essa realidade, deve-se estar atento aos casos de assédio moral e sexual, incentivando as denúncias e prestando apoio àquele que foi vítima, de modo que o denunciante se sinta seguro e protegido.

A próxima fase da pesquisa consiste na realização de entrevistas presenciais, pós período pandêmico, com vítimas de assédio para se construir um “banco de memórias”. Sendo assim, ainda é cedo para que se tenha conclusões sobre o projeto, uma vez que muitas pessoas precisam ser ouvidas sobre as suas experiências traumáticas.

## 5. REFERÊNCIAS

BOLETIM ESPECIAL ADUNICAMP. **Assédio Moral na Universidade**. Disponível em: [http://adunicamp.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/Boletim\\_Assedio\\_Moral.pdf](http://adunicamp.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/Boletim_Assedio_Moral.pdf). Acessado em: 26 set. 2020.

GALLINDO, L. P. Assédio moral nas instituições de ensino. **Revista Jus Navigandi**. N. 2070, p. 1-99, mar. 2009. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/12396> Acesso em 12 de setembro de 2020.

MARTIS, C. P.; CUNHA, D. H.; TRENTO, L. P. Assédio: uma discussão necessária. **Anuário Pesquisa Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**. v. 5, s/p, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/24426>. Acessado em 16 de setembro de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Violência e Sofrimento no Ambiente de Trabalho**. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia\\_sofrimento\\_trabalho\\_assedio\\_sexual.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_sofrimento_trabalho_assedio_sexual.pdf). Acessado em: 12 de setembro de 2020.

OLIVEIRA, E. S. Assédio moral: sujeitos, danos à saúde e legislação. **Revista de Direito do Trabalho**: RDT, v. 30, n. 114, p. 49-64, abr./jun. 2004.